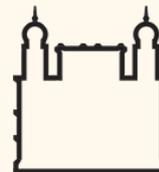


JUVENTUDE E TRABALHO DE PLATAFORMA

Entregadores de aplicativos



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos o trabalho de plataforma e os aplicativos de entrega vêm crescendo e se tornando mais relevantes. Com essa demanda, a quantidade de trabalhadores também aumenta, entre eles uma crescente participação de jovens, negros e periféricos em um trabalho que desde o início é precário e vem piorando com o processo de uberização³.

Em decorrência dessa precarização, a saúde é um fator importante a ser discutido¹, tanto na perspectiva da saúde como um direito quanto na análise dos processos de desgaste e adoecimento desses trabalhadores.

A pandemia trouxe uma maior visibilidade desse serviço (considerado essencial), que passou a ser muito mais requisitado em um momento de ampliação do desemprego. Ao mesmo tempo, as condições de trabalho dos entregadores foram ainda mais deterioradas, com a diminuição da remuneração e o aumento das horas trabalhadas.³

ALUNAS:

- Ceci Alpes - Colégio Pedro II Campus Humaitá II
- Helisa Moraes - Colégio Pedro II Campus Niterói

• **Orientadora:** Muza Velasques

• **Coorientadora:** Letícia Masson

• **Unidade:** ENSP (Escola Nacional de Saúde Pública)

• **Núcleo:** CESTEH (Centro de Estudos da Saúde do Trabalhador e Ecologia Humana)

MÉTODOS DE ESTUDO

Discussão e análise de:

- Artigos científicos sobre juventude e trabalho plataformizado e sobre saúde;
- Documentário "Trajetos e trajetórias invisíveis na cidade";
- Entrevista com uma jovem entregadora ciclista.



"O lucro é deles, mas o risco é nosso. Sempre vai ser nosso"

A precarização do trabalho não é algo recente, mas se tornou mais forte com a consolidação do capitalismo. As empresas transnacionais de sede em países de centro levam o processo de feitura de produtos a países de periferia, conseqüentemente com a baixa remuneração dos trabalhadores e a ausência de leis trabalhistas mais protetivas. O Brasil, que nunca se livrou da precariedade do trabalho, torna-se muito conveniente para a uberização (trabalho de plataforma), que gera a flexibilização e desregulação do trabalho.²

- Mas o que são as plataformas?

As plataformas digitais são um meio que gera interação entre diferentes usuários. As grandes empresas conseguiram tornar essas plataformas rentáveis, gerando os trabalhadores just-in-time³, que trabalham por meio de demandas com salários variáveis e sendo pagos apenas pelo exato momento do rendimento. Nós conseguimos ver esse tipo de trabalho nos aplicativos Ifood, UberEats, Rappi, etc.

Nosso estudo foi voltado aos *bikeboys*, trabalhadores dessas plataformas que fazem entregas de bicicleta. Vimos que, por se tratar de uma ocupação de fácil acesso e horários teoricamente flexíveis — "*emprego rápido, sem processo seletivo*" — que exige pouca experiência, uma grande predisposição física e familiaridade com tecnologia, grande parte desses trabalhadores são jovens².

Entre eles, destaca-se o predomínio da juventude periférica³. Enquanto uma família de classe média consegue investir na transição à vida adulta dos filhos com educação e lazer, uma família de baixa renda precisa que o jovem se insira de forma bem mais urgente no mercado de trabalho². Aprofundando a análise de tais questões, negros e periféricos acabam recorrendo às plataformas num contexto de falta de oportunidades relacionadas ao racismo estrutural. Soma-se a isso, a promessa de ganhos e flexibilidade — que no final é um autogerenciamento subordinado³, onde existe a falsa ideia de autonomia.

O trabalhador uberizado fica sujeito a mudanças no valor de sua hora e na disponibilidade do seu trabalho, e precisa se submeter a jornadas longas e exaustivas para garantir renda suficiente para uma vivência precária. É privado de direitos sociais e trabalhistas, e depende de si próprio para arcar com imprevistos. Desde a exaustão física por falta de pontos de apoio com banheiros e água potável e a "noia psicológica"⁴ de precisar lidar com aplicativos que gamificam² o trabalho, até a privação de tempo e recursos para educação e lazer. Trata-se de um processo de adoecimento. Pessoas ficam vulneráveis a doenças e acidentes e logo veem as conseqüências de um "spinning eterno"⁴, enquanto sofrem psicologicamente com a falta de perspectiva de vida.

¹ Ponte, C. F. Falleiros, I. (org). Na corda bamba de sombrinha : a saúde no fio da história. Rio de Janeiro: Fiocruz/COG; Fiocruz/EPSJV, 2010.

² Souza, J. S.; Pochmann M.; Bonone, L. Juventude e trabalho plataformizado no Brasil: juventude indicando tendências. Revista Ciências do Trabalho n° 20, 2021.

³ Abílio, L. Uberização e juventude periférica: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. Novos Estudos CEBRAP 39 (3) • Sep-Dec 2020.

⁴ Retirado dos depoimentos de trabalhadores participantes da pesquisa.

CONCLUSÃO

O trabalho deve ser um ambiente de segurança, visto que passamos boa parte de nossas vidas trabalhando, porém com mudanças estruturais no capitalismo e a flexibilização cada vez maior, a precarização se aprofunda. Com os jovens ingressando no mercado de trabalho e sendo menos valorizados, seus processos formativos são interrompidos. Com os direitos dos cidadãos sendo desconstruídos, esse ambiente se tornou hostil. O trabalho precisa ser visto como promotor de saúde física e mental, precisa ter estabilidade e promover segurança aos trabalhadores.

O PROVOC foi um meio em que nós, alunas, conseguimos estudar sobre essa vivência e compreender um pouco mais para que nós consigamos contribuir para os estudos dos processos que envolvem a juventude no mundo do trabalho a partir da perspectiva da saúde.